

A CRIAÇÃO DO CAVALEIRO NOS LIVROS DE CAVALARIAS

Margarida Santos Alpalhão
IELT/Universidade Nova de Lisboa (FCSH)

RESUMO

Destacando os livros de cavalarias portuguesas impressos, em particular, e outros espanhóis e franceses, este estudo visa encontrar recorrências na criação do cavaleiro: o seu nascimento assinalado (como os de Hércules e de Jesus Cristo) e a sua infância e mocidade atribuladas, fases de maturação prévia à entrada na idade adulta (ser armado cavaleiro). Apontam-se também algumas das marcas distintivas de tal percurso – o(s) nome(s), os objetos, os sinais. Salienta-se a função de tais relatos no âmbito da narrativa e verifica-se como o tópico literário permite relacionar a Literatura com a História, a Antropologia e a Mitologia.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura, livros de cavalarias, cavaleiro, criação, infância, mocidade.

RESUMEN

A partir de los libros de caballería portugueses impresos, y también otros españoles y franceses, este estudio trata de encontrar concordancias en ellos en lo que afecta al periodo de formación – o *crianza* – del caballero. Se atiende especialmente a su nacimiento señalado (como los de Hércules o Jesucristo), a la infancia y la

mocedad como atribuladas fases de maduración previas a la vida adulta, y al momento en que se produce este tránsito (cuando el héroe es armado caballero). Se apuntan también algunas marcas distintivas de este recorrido vital: nombres, objetos y señales. Finalmente se pone de relieve la función de este tipo de relatos en el ámbito de la narrativa y se verifica su posición de tópico literario que permite relacionar la Literatura con la Historia, la Antropología y la Mitología.

PALABRAS CLAVE

Literatura, libros de caballería, caballero, crianza, infancia, mocedad.

ABSTRACT

Dealing mainly with printed Portuguese chivalry romances, as well as with other Spanish and French ones, this study aims to identify recurring characteristics of the knight's upbringing: his signalled birth (such as Hercules' and Jesus Christ's), and his troubled childhood and youth, stages of maturation prior to the entrance into adulthood (being armed a knight). Some hallmarks of this evolution are also pointed out – the name(s), the objects, the signs. The purpose of such information within the narrative is emphasized and it is verified how the literary topic allows for the establishment of relationships between Literature and Anthropology and Mythology.

KEYWORDS

Literature, chivalry romances, knight, upbringing, childhood, youth.

1. INTRODUÇÃO

Importa começar por esclarecer alguns dos termos usados neste trabalho.¹ Antes de mais, importa explicitar que a palavra criação será, aqui, entendida como o percurso de maturação da personagem na infância e adolescência, isto é, até à entrada na idade adulta, o que corresponde a ser armado cavaleiro.² É certo que, em alguns livros de cavalarias, são muito nítidas as três idades do cavaleiro: a infância e mocidade, a idade adulta e a velhice.³ Não adotaremos pois, neste trabalho, outros pontos de vista, mais ligados à teoria literária, que o título poderia sugerir. O objetivo destas páginas inscreve-as, conseqüentemente, no âmbito preliminar do recenseamento de exemplos de narração da juventude do cavaleiro, primeiramente nos livros de cavalarias portuguesas impressos, mas também em textos espanhóis e franceses, procurando-se, em seguida, delimitar a função de tais momentos narrativos no género literário em análise e, por fim, verificar se há correlação entre Literatura e História neste tópico, como se encontra em outros, no conjunto destas obras, ou ainda entre Literatura e outras Ciências Humanas, como a Antropologia, por exemplo.

Com efeito, a disponibilização recente de várias fontes, sobretudo medievais, designadamente algumas classificadas como *moçedades* ou *enfances*,⁴ tem permitido também um olhar mais demorado e atento sobre este período do percurso do herói de narrativas cavaleirescas. E sobre o percurso do protagonista dos livros de cavalarias, bem como sobre o do herói de outras narrativas (míticas, hagiográficas, ou mesmo crónicas, por exemplo) que, privilegiando outros momentos da vida da personagem, não deixam de apresentar, com maior ou menor detalhe, esse momento do seu percurso.

2. UM NASCIMENTO ASSINALADO

O primeiro momento da vida do cavaleiro que se pretende salientar é o do seu nascimento. Na senda de alguns heróis míticos, o herói de muitos livros de cavalaria também vê o seu primeiro ato marcado por vários indícios. Como se sabe, Hércules é filho de Zeus e Alcmena (ou Anfitrião e Alcmena)⁵ e Cristo é filho de Deus e Maria (ou José e Maria) e a narrativa biográfica de ambos regista o momento como singular. No caso do primeiro, por intervenção de Hera, o nascimento é atrasado e o aleitamento permite-lhe obter a imortalidade; no caso de Jesus, a tradição cristã revela o seu aparecimento como predestinado, ao nascer em Belém, em total despojamento, indicado por um anjo e luz divina, anunciado como “Salvador”.⁶ De modo equiparável, os cavaleiros heróis, em várias obras, nascem de modo assinalado e assinalável.

O herói de João de Barros (1522), Clarimundo, nasce, como dádiva divina a seus pais, para “amparo depois de seus dias a seus naturaes e vasallos [...]. E çerto que nam foy o seu naçimento sem marauilhosos synaes de sua vinda pronosticando a grandeza de suas obras”.⁷ Sucede-se uma batalha inédita entre um falcão e uma garça-real, a tomada do porto da cidade Segura, território de Adriano de Hungria, e uma tempestade feroz com cheias na cidade. O príncipe nasceu de madrugada:

sem arainha sentir niso muitos dores outrabalho. e alã d’ sua fermosura ser mais diuina q̃ humana em grã maneira espãtou atodos huũ sinal de chaga q̃ sobre o coraçã na parte deryta trazia tã vermelho q̃ parecia verter craro sangue. e quãto mais remedeos punha tãto se mais asanhaua. N e vëdo arainha q̃ mais era mistério e obra de deos q̃ da natureza nã quis q̃ lhe possesem algũa cousa pois tã pouco tudo aproueitaua. E nã era sem causa ser isto assi pois o verdadeiro remedio se auia per elle dalcançar cõ tantos trabalhos como a istoria vos

contara. E por q̃ este príncipe te q̃lle tẽpo atodallas criaturas ẽ fermosura vẽço
τ seu naçimento foi ẽ dia tã claro τ alegre pera os q̃ cõ tanto temor τ trabalho
os seus naturales ãte de sua vinda tinha pasado poslhe arainha per nome
Clarimundo q̃ cõueo mui bẽ cõ todallas suas manhas τ obras q̃ fora luz τ clari-
dade do mũdo que entã se chama claro quando os príncipes que o governam
destruem aquelles que com seus malefícios otem escuro.⁸

Os heróis de *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes
(comprovadamente publicado em 1543 ou 1544) também são
dados à luz em condições inusitadas:

E tornando co'esta nova onde Flerida estava, posto que co'ela lhe certificava
dom Duardos ser vivo, ficou mais triste do que dantes estava, porque promes-
sa ou esperança de tam longo apartamento nam podia dar prazer perfeito. E
como poucas vezes ãa paixam vem sem outra de mestura, co'este acidente lhe
vierom dores de parto polo tempo ser ja chegado, e pario dous filhos tam creci-
dos e fermosos que naquela primeira hora parecia que davam testemunho das
obras que depois fizeram. Artada e as outras damas os tomaram e envolven-
do-os em ricos panos lhos presentaram diante, crendo que com a vista deles
mitigariam parte de sua pena. Flerida os tomou nos braços com amor de mai, e
com palavras de muita lastima dizia:

– Ó filhos sem pai, quanto mais prospero cuidei que vosso nacimiento fosse!
Mas em lugar das festas que ele pera entam aparelhava eu morrerei co'esta
dor e vós ficareis sem ele e sem mi, e sem idade pera sentir tamanha perda.
Logo um capelam que aí estava os bautizou, e perguntando os nomes, Flerida
acordando-se do nacimiento que ouvira de Palmeirim seu pai, e da tristeza que
entam houve, pareceo-lhe conforme a este de seus filhos, pos nome ao que
naceo primeiro Palmeirim, que se depois chamou d'Inglaterra, e ao segundo
Floriano do Deserto, assi pola floresta em que nacera se chamar do Deserto,
como por ser em tempo que o campo estava cuberto de flores e ele em si tam
fermoso que o nome parecia dino dele e ele do nome. Acabando de bautizar
lhe deu a mamar assi do leite de seus peitos como das lagrimas de seus olhos,
porque as que ela vertia eram tantas que correndo pelas faces iam ter àquele
lu/4d/gar onde todo se misturava. Diz a historia que estando nisto chegou
contra aquela parte um salvaje que naquela montanha vivia e se mantinha de
caças d'alimarias que matava, vestia-se das peles delas, trazia em ãa trela dous
liões com que caçava. E vindo aquele dia ali ter, achou aquela gente, onde meti-

do antre uns arvoredos espessos, vio o nacimiento daqueles ifantes, e os nomes deles e usando do que sua inclinaçam brutal o inclinava, detreminou cevar seus liões naquelas inocentes carnes, porque em todo o dia nam caçara.⁹

E o mesmo acontece com Amadis de Gaula (1508) que, nascendo fora do casamento, leva sua mãe a precisar abandoná-lo!¹⁰

Pues no tardó mucho que a Elisena le vino el tiempo de parir, de que los dolores sintiendo como cosa tan nueva, tan estraña para ella, en grande amargura su corazón era puesto, como aquella que le convenía no poder gemir ni quejar, que su angustia con ello se doblava; mas en cabo de una pieça quiso el Señor poderoso que sin peligro suyo un fijo pariesse, y tomándole la donzella en sus manos vido que era fermoso si ventura oviessse, mas no tardó de poner en execución lo que convenía según de antes lo pensara, y embolvióle en muy ricos panos, y púsolo cerca de su madre, y traxo allí el arca que ya oístes, y díxole Elisena:

- ¿Qué queréis fazer?

- Ponerlo aquí y lançarlo en el río - dixo ella -, y por ventura guareçer podrá.

La madre lo tenía en sus braços llorando heramente y diziendo:

- ¡Mi hiiio pequeno, cuán grave es a mí la vuestra cuita!

La donzella tomó tinta y pergamino, y fizo una carta que dezía: “Este es Amadís sin Tiempo, hijo de rey.” Y sin tiempo dezía ella porque creía que luego sería muerto, y este nombre era allí muy preciado porque así se llamava un santo a quien la donzella lo encomendo. Esta carta cubrió toda de cera, y puesta en una cuerda gela puso al cuello del niño. Elisena tenía el anillo que el rey Perión le diera quando della se partió, y metiólo en la misma cuerda de cera, y así mesmo poniendo el niño dentro en el arca le pusieron la espada del rey Perión que la primera noche que ella con él durmiera la achó de la mano en el suelo, como ya oístes, [...].

Esto así fecho, puso la tabla encima tan junta y bien calafeteada, que agua ni otra cosa allí podría entrar, y tomándola en sus braços y abriendo la puerta, la puso en el rio y dexóla ir; y como el agua era grande y rezia, presto passo a la mar, que más de media legua de allí no estava. A esta sazón el alva parecía, y acaesció una fermosa maravilla, de aquellas que el Señor muy alto quando a El plaze suele fazer.¹¹

A Palmeirim de Olivia (1511), avô do Palmeirim precedente, sucede algo semelhante, sendo filho de Florendos e de Griana, estando esta destinada a casar com Tarisio:

E así se llegava el tiempo de su parto y ella no sabía qué fiziesse; e convínole dezir su fecho a Tolomestra, que mucho le pesó d'ello e reprehendióla muy duramente por lo que havia fecho, mas consolóla en prometerle que ella faria de manera que persona no lo entendiesse. E así lo fizo; mas quiso Dios guiar tan bien que una hora antes que anochesciesse sintió Griana los dolores del parto. Tolomestra, que lo sintió, dixo a Griana:

- Ay señorar parésceme que os sentis enojada. Devéys de reposar un poco en vuestro lecho. Vosotras, donzellas, dexalda e ydvos a vuestras cámaras.

Y ellas así lo fizieron y ella quedó sola con ella; y al tiempo qu'el Emperador cenava, Griana parió un fijo, el más fermoso que dezir se vos podría. Tolomestra lo tomó muy prestamente y embolviólo en muy ricos paños. E primero que esto fiziesse lo miró a un blandón que encendido tenía e vídolo tal que la fizo maravillar y aver mucha piedad por no nascer aquella criatura tan fermosa en tiempo que se pudiera criar como él merescía; e no pudo sufrir de lo no llevar a Griana que lo viesse, e díxole:

- ¡Ay señora, en cuánta culpa soys a Nuestro Señor, que por amor de encubrir vuestro pecado conviene que esta tan fermosa criatura padezca!

- ¡Ay amiga -dixo Griana-, no pongáys más dolor en mi corazón del que yo tengo! Tomad esta cruz e ponédgela en los pechos, que tiene reliquias de gran virtud y ellas lo defenderán de las bestias bravas que no lo coman. Yo tengo esperança en Nuestro Señor que no parará mientes a mis pecados.

E tomólo en los braços e besólo muchas vezes; e mirándolo vídole en el rostro, en el lado derecho, una señal negra a manera de lunar e era redonda: ésta guardó ella en su corazón. E mandó a la dueña que luego lo levasse a Cardín que, ya de lo que havia de hazer avisado, estava esperando, - que Tolomestra gelo havia dicho -. Y ellos supieron tan bien encobrir que persona del mundo no los vio.

Cardín tomó el niño e cavalgo apriessa encima de un cavallo que ensillado tenía e salió fuera de la cibdad e fuese por donde el cavallo lo quiso llevar. E andovo la mayor parte de la noche sin saber adónde yva, como él levava mucho cuidado e tristeza por no saber qué fiziesse de aquella criatura, que de grado la si pudiera, mas era muy conosciado en aquella tierra. [...], e por esto le convino de dexarlo a la ventura que Dios le diesse. E fallándose en una muy gran montaña

en que havia muy, espessas matas, dexólo encima de un árbol porque vido que queria amanescer e tornóse por donde havia venido [...].¹²

Além de um nascimento singular, cada um destes heróis recebe um sinal que funciona, a um tempo, como indício e como marca identificadora: Clarimundo recebe o nome e uma chaga no peito; Palmeirim de Inglaterra e Floriano do Deserto o nome e o rapto, Amadís o nome e os objectos; Palmeirim de Oliva o nome e a marca negra no rosto.

O mesmo tipo de nascimento acontece, ainda, a Paladiano, pai do herói de *Dom Florando* (1945) e filho de Milanor de Inglaterra e Selerina de Lusitânia, cujo nascimento é assinalado, em Londres, por

una niebla tam espesa; acompañada de tan espantosos truenos y relampagos: que todos pensaron ser destruídos: y la cibdad desfecha y este terramoto tan espantoso duro dos horas: que torno todo asu ser como dantes estaua: quedando en la placa delante de los palácios del rey três ymages de alambre de muy estraña hechura cada vna d' grandor de vn hombre cabe cada vna d'llas estaua vn padrõ ãlo alto d'el ãal estaua colgado vn escudo de muy fino azero: hecho por tal arte: que nãguna arma por mas fuerte que fuese lo podia falsar ãriba del escudo enel mismo padrõ estauan vnas letras en griego que deziã Al que por esperiẽcia de todos fuere estremado le será el escudo otorgado. La segunda ymagen teniaen outro padron el dios Cupido com su arco y flechas d' oro en la mano: y vna letra que dezia. Quien en lealtad fuere mayor lleuara el dios de amor. La tercera ymagen ã de muger era: tẽnia vna muy riquíssima corona de oro llena de muchos diamantes y rubis de muy grande valor enla cabeça: que senificaua la diosa Venus: y vna letra que d'zia. Parala mas hermosa es la corona preciosa.¹³

Ainda à semelhança do mítico Hércules, também Polendos, filho de Palmeirim de Oliva é engendrado no engano: a rainha de Tarsis dá a beber ao imperador Palmeirim um vinho que o não é, e isso

deixa-o à sua mercê.¹⁴ Também por encantamento, neste caso de Orbicunta, Paladiano se torna pai de três jovens (Clariseo, Clarisarte e Clarisandro),¹⁵ sem disso ter consciência, antes de ser pai de Flo-rando. Pompides e Daliarte, cavaleiros de *Palmeirim de Inglaterra* de Moraes, não sendo protagonistas da obra, também se incluem no conjunto dos cavaleiros assinalados desta forma pelo nascimento:

Escreve-se nas crônicas antigas ingresas que Argonida houve dous filhos de dom Duardos desta vez e d'outra que pelo mesmo engano teve parte co'ele, o primeiro foi Pompides, o segundo se chamou Daliarte, a que sua avoo criou consigo, apartado da conversaçam da outra gente, ensinando-o na arte magica porque lhe sentio o engenho sutil pera isso e por isto no livro de *Primaliam* nam se diz nada dele.¹⁶

Em *Primaleón* (1512), encontra-se, de facto, uma breve nota sobre Pompides, o seu nascimento e infância, bem como o encantamento que leva D. Duardos a trair Flérida:

Y aquella noche engendro don Duardos en ella [Argónida] un fijo, el cual la dueña su avuela y Argónida, su madre, lo criaron muy bien y le fizieron mostrar quantas cosas le eran menester para cavallero. Y después que fué de edad para ser cavallero, adereçaronle todas las cosas que le eran menester muy complidamente y embiáronlo a Inglaterra [...].

Y llegados Pompides, que ansí avia noble el hijo de don Duardos, y Blandidón a Inglaterra, pidieron por merced a don Duardos, siendo rey, que los armasse cavalleros sin le fazer saber nada de su fazienda.¹⁷

E este nascimento assinalado encontra-se ainda em *Tristán de Leonís* (1501), cujo herói nasce quando o pai, o rei Meliadux, se encontra encantado na Torre Perigosa e a rainha, Isabel, o procurava:

E tomóle luego el dolor de parto, e cavalgaron amas a dos en sus palafranes por una grand montaña, entre unas peñas muy altas. E el dolor del parto la aquezó tan fuertemente que no lo pudo más sufrir. [...] Entonce echóse sobre su manto e parió un hijo varón.¹⁸

Depois de dizer que o seu filho se chamaria Tristão, e porquê, “pasóse luego d’este mundo al outro”.¹⁹ Segue-se, de imediato, o resgate deste infante da morte, pela aia da rainha, visto que dois cavaleiros pretenderam matá-lo para herdarem o reino que era da criança por direito.

Esta versão apresenta algumas diferenças em relação à *Saga de Tristão e Isolda* na qual a gestação de Tristão ocorrera fora do casamento e o parto do herói ocorre após a morte do pai e dá origem à morte da mãe, aqui chamada Blensinbil:

Tandis qu’elle se lamentait ainsi sur sa peine, n’acceptant aucune consolation, elle tomba évanouie sur son lit et son ventre commença à la faire souffrir. Elle ressentait alors à la fois de la peine et de la douleur, et elle resta dans ces souffrances pendant trois jours. Et au cours de la nuit suivant le troisième jour, elle mit au monde un beau garçon dans de grandes tortures et de grands tourments; et elle mourut, après que l’enfant fut né, à cause de cette grande peine et de cette grande souffrance qu’elle éprouvait, et de l’amour qu’elle avait pour son époux.²⁰

Note-se que a versão em causa, citada pela tradução francesa moderna da tradução norueguesa do século XIII, é considerada uma tradução da obra de Thomas, ainda que com algumas truncaturas ou adaptações e alterações.²¹

Em síntese e depois dos vários exemplos aduzidos, registam-se vários nascimentos singulares e vários sinais (signos) que estes carregam consigo.²² O sinal mais marcante e recorrente é o do nome que é atribuído ao cavaleiro. Em praticamente todos os casos mencionados, o nome é, por si só, um símbolo de singularidade: Clarimundo, Palmeirim de Inglaterra, Floriano do Deserto, Amadis de Gaula e Tristão são disso exemplos a destacar.

Outro sinal a destacar é a morte, ainda quando simbólica, do(s)

progenitor(es). Verifica-se, concretamente, que Palmeirim de Inglaterra, Floriano do Deserto e Tristão nascem após a morte, simbólica no caso dos dois primeiros (clausura), dos respetivos pais. O facto de outros cavaleiros serem engendrados por via do engano, leva a que também a ausência do pai, que apenas mais tarde sabe da existência de tal filho, seja aqui entendida como uma morte simbólica no momento do nascimento. Assim acontece com outros, como, por exemplo, Polendos, Pompides e Daliarte. E o afastamento do recém-nascido dos progenitores, por rapto ou entrega a terceiros, designadamente na sequência de nascença extra-conjugal, não é mais que outra configuração deste tópico. Na ausência dos pais, por morte efetiva ou afastamento, surgem, nas narrativas de criação dos cavaleiros, as figuras tutelares, duplos dos progenitores ausentes. Encontramos neste caso muitas das personagens mencionadas.

3. MENINICES E MOCIDADES ATRIBULADAS

Depois de mencionar o nascimento do protagonista, a *cronica do emperador Clarimundo* dedica vários capítulos à “criação” do herói de João de Barros.

Os primeiros factos a registar são a troca de Clarimundo por Filine, o filho da Condessa Urbina e do Conde Drongel, a quem o príncipe fora dado para amamentar,²³ e o seu abandono pela cativa Fainama, na sua fuga, junto da Fonte da Floresta Combatida, onde é encontrado por Grionesa.²⁴ Levado por esta para a Ilha Avondosa, onde residia,²⁵ teve por ama Milina. Nomeado Belifonte, Clarimundo cresceu e foi educado nas letras, por um filósofo grego, e nas armas. Ocupava-se frequentemente na caça e “leuava tanto gos-

to que o mais do tẽpo de sua moçidade em quanto nam reçoeeo ordem de caualaria neste desenfadamento gastou".²⁶ Inesperadamente, e devido a uma tempestade que lhe desvia a rota, acaba por ser armado cavaleiro pelo seu avô materno, o rei francês Cláudio.²⁷ É já depois de ter participado em várias batalhas e conquistado renome como cavaleiro que Clarimundo é reconhecido como o filho perdido dos reis Adriano e Briaina.²⁸

Atribuladas é também a qualificação adequada às meninice e mocidade dos gémeos Palmeirim e Floriano, que o texto revela. Aquando do seu nascimento são raptados pelo selvagem que assiste ao parto, escondido, como abaixo se transcreve:

E saindo de supito ao campo, os que nele estavam com medo desepararam Florida, escondendo-se polo mato, porque Pridos que os podera defender era ido a Londres mandar trazer andas em que a ifante fosse. Artada se lançou sobre ela, que o amor que lhe tinha lhe deu este atrevimento e lhe nam consentio deixa-la. O Duque de Galez que mui velho era e estava desarmado nam pôde defender que o salvaje nam tomasse os meninos debaixo do braço, e caminhando contra a cova se foi sem fazer mais dano.²⁹

Este *salvaje* leva os dois infantes e dá-os a sua mulher que criava o filho de ambos, de um ano de idade, a qual os salva da morte a que o marido os destinara.³⁰ Os gémeos "iam crescendo [e] se faziam tam fermosos e bem despostos que pareciam de maior idade que entam eram. Seu exercicio era caçar [...]. Nesta vida continuaram tee ser de idade de dez anos."³¹

É com esta idade que ambos vão ser resgatados à vida selvagem e aos pais de acolhimento. Floriano, caçando um veado, perde-se e vai ter ao local em que nascera, onde um cavaleiro o encontra e lhe propõe ir para a corte de Londres. Já ali, o rei, seu avô paterno:

ficou tam ledo como se soubera ser aquele seu neto [...].

Flerida a quem a natureza ajudava a conhecê-lo o tomou nos braços com inteiro amor de mãe, e pedindo al Rei que lho desse pera seu serviço, ele outorgou. E logo souberam de Pridos onde o achara e da maneira que estava ao pe da Fonte do Deserto, por onde Flerida quis que tivesse o nome de Deserto, sem saber que aquele era o com que nacera. Desta maneira o ifante Deserto se criou servindo sua mãe, sem ela nem ele saberem o parentesco que antr'eles havia. E andava em sua companhia dom Rosiram de la Brunda, filho de Pridos e Artada, os quaes se criaram té ser de idade pera se armar cavaleiros.³²

Palmeirim tenta esquecer o desaparecimento do irmão, na praia, onde vai brincar. Ali o encontra um capitão de galé, que atracara para se abastecer de água. Vencido pelo “*amor e criação*” que partilhavam,³³ Selvião deixa-se convencer pelo irmão de leite e embarca com Palmeirim, em direção a Constantinopla. É o imperador Palmeirim de Oliva, seu avô materno, que o recebe, e por sua mão “começou de servir Polinarda filha de Primaliam e Gridonia”.³⁴ Também por mão de seu avô recebe, novamente, o nome de Palmeirim. Sem qualquer menção a outro tipo de educação, quando atinge a idade adequada, o imperador Palmeirim ordena armar cavaleiros os donzés de sua corte, incluindo Palmeirim, no dia de “Pascoa de flores”.³⁵ Será já em adultos, depois de conquistarem renome como cavaleiros e de quase se matarem em torneio singular,³⁶ que os dois gêmeos, Palmeirim e Floriano, se reencontram e se reconhecem e que são reconhecidos por seus pais biológicos.³⁷ Ambos são armados cavaleiros pela mão dos avós: Palmeirim de Inglaterra pelo materno Palmeirim de Oliva,³⁸ e Floriano do Deserto pelo paterno Fadrique de Inglaterra.³⁹

Amadís de Gaula é outro herói a considerar neste conjunto. Recolhido, no mar, por Gandales e sua mulher, que acabara de dar à luz Gandalín, passa a infância em Antalia, vila escocesa.⁴⁰ Chamando-se

Donzel do Mar, “criávase con mucho cuidado de aquel caballero Gandales y de su mujer”.⁴¹ O pai adotivo “le hizo un arco a su medida y outro a su hijo Gandalín; y fazíalos tirar ante sí; y así lo fue criando fasta la edad de siete años”.⁴² Durante uma visita do rei Languines a seu vassalo Gandales, aquele leva consigo os dois jovens, para a Rainha acabar de criar, e depois o fazer ele mesmo:

Mas el trabajo que se com él tomaba no era vano, porque su ingenio era tal, y condición tan noble, que muy mejor que outro ninguno y más presto todas las cosas aprendia. Él amava tanto caça y monte, que si lo dexassen, nunca dello se apartara tirando com su arco y cevando los canes.⁴³

Aos doze anos, parecendo ter quinze, começou a servir Oriana e pediu ao rei que o armasse cavaleiro.⁴⁴ É, no entanto, mais tarde, pela mão de seu próprio pai, o rei Périon de Gaula, que acaba por aceder às armas.⁴⁵ Só depois é reconhecido, pelo anel e pela espada, como filho dos reis Périon e Elisena.⁴⁶

Palmeirim de Oliva também é abandonado à nascença, na montanha homónima, visto ser fruto dos amores extra-matrimoniais de Griana e Florendos de Macedónia. Quem o descobre é o rico apicultor Geraldo, cuja mulher, Marcela, dera à luz um filho, no dia anterior, o qual morrerá logo em seguida. Os cuidados com o recém-nascido encontrado foram tais que “com três años parecía de muy maior edad”.⁴⁷ E “Palmerín no entendia en otras cosas sino en caçar aves e criar perros para andar en los montes caçando venados e puercos. [...] cavalgar en cavallos que criava su padre, e corríalos muy sin miedo”.⁴⁸ Aos quinze anos, apaixonado pela bela donzela com que sonhara, “sentávase en baxo de los árboles solo, pensando muy fieramente; e no tenía outro descanso sino tañer e cantar com churumbela”.⁴⁹ Diófena, filha de seus pais adotivos, diz-lhe

que não são irmãos. E na sequência de um encontro com um mercador, que salva de uma leoa, acompanha-o a Ermida, cidade da Macedónia, onde reside.⁵⁰ Agradecido, este mercador, Estevão, “diolo en poder, todo quanto él tenía”, mas para Palmeirim “su plazer era en ver los cavalleros mancebos [...] e qualquier cosa de armas que se fiziesse él yva a verlo e deprendía todas las cosas muy bien y tenía tanta voluntad de obrarlo que lo dizia a Estebon”.⁵¹ Dirigindo-se à corte do rei, Primaleão, pai de Florendos, consegue que Arismena, irmã do príncipe, interceda por si e que Florendos, seu pai, o arme cavaleiro.⁵² O reconhecimento pelos ascendentes far-se-á muito mais tarde,⁵³ ainda quando a personagem encontre, ao longo da narrativa, indícios da sua origem.

Da juventude de Primaleão, filho de Palmeirim de Oliva, nada sabemos pela narrativa:

E bien passo un año que eran casados que Polinarda se fiziesse preñada; e después fízose preñada e parió un fijo muy fremosos e pus[i]éronle nombre Primaleón, que después fue cavallero que pareció bien a su padre en el ardimiento.⁵⁴

Na narrativa editada com o seu nome também se omite tal período da sua vida. A obra, cuja composição se estranha face a várias outras, dedica inicialmente mais de meia centena de capítulos a Polendos, meio-irmão daquele herói. Com efeito, Primaleão aparece como cavaleiro novel apenas no sexagésimo primeiro capítulo.⁵⁵ Pouco antes Belcar dissera-lhe “no sois cavallero”⁵⁶ e, antes ainda, Primaleão lembra o pai que lhe havia prometido fazê-lo cavaleiro.⁵⁷

Outros exemplos, no entanto, podemos encontrar, como o da versão castelhana de Tristão: resgatado da morte à nascença, aos

sete anos volta a enfrentar semelhante risco de vida, desta vez por mão de sua madrasta, que o rei manda queimar. Perdoada, a pedido de Tristão, mais tarde a rainha volta a preparar vinho com arsénico para o enteado, mas é o seu filho que acaba por o beber.⁵⁸ Depois de morto o rei, a madrasta de Tristão ainda volta a tentar provocar a morte do herói, e este acaba por deixar o seu reino e ir servir o rei Feremondo de Gaula. Ainda donzel, volta a enfrentar a morte, desta feita por mão da filha deste rei, Belisenda. Deixa, então, esta corte e dirige-se à corte de Mares de Cornualha, onde é armado cavaleiro para enfrentar Morlot de Irlanda. Estas aventuras, nomeadamente a tentativa de envenenamento e o repúdio da madrasta, não deixam de ecoar longinquamente as dos míticos Teseu e Medeia.⁵⁹ Mas o que nos interessa, aqui, é a criação de Tristão, que Gorvalán toma a seu cargo por ordem régia: “Yo vos dó en encomienda al infante mi fijo, e que vós seáis guarda d’él, e que lo castigues, e que lo enseñes todos los Buenos ensiñamientos e costumbres que pertenescen a hijo de rey”.⁶⁰ Este Gorvalán acompanha, protege e aconselha o herói durante longo tempo, mesmo depois de adulto.

Na versão da *Saga de Tristão e Isolda*, a mocidade do herói é mais detalhada quanto ao tipo de criação, encontrando-se no texto dois capítulos significativamente intitulados: “Le baptême de Tristan” e “L’éducation de Tristan”.⁶¹ A narrativa revela uma educação cuidada, tanto ao nível dos valores quanto das letras, das línguas, da música e da cavalaria. O seu rapto por mercadores, subtraindo-o aos cuidados do Marechal Roald, seu tutor e mentor, os encontros com os peregrinos e com os caçadores introduzem-no, ainda na juventude, em vivências que vão completar a sua formação, por um lado, e iniciar a sua fama, por outro. Tristão é armado cavaleiro na corte, pelo rei Marco.

Para terminar esta recolha, aqui, repare-se que em *Ponthus et Sidoine*, o herói é afastado de seus pais durante um assalto saraceno à sua cidade: Coulongne. Ponthus, com outros treze “enfants”, conseguem deixar a cidade, por mar, por intercessão de Patrice. Chegados à Pequena Bretanha, são recolhidos pelo rei Huguel: “Et, quant Dieu m’a donnez la grace d’avoir le filz du roy et les enfans des barons, je Lui en rens grace et mercis, car j eles feray nourrir et apprendre comme les miens propres enfans”,⁶² repartindo-os pelos seus vassalos, o rei envia-os, por três anos, para:

qu’ilz fussent aprins de bois et de rivieres, d’eschés, de tables, et qu’il savroit meilleur gré à celui qui mieulx les endroctrineroit. [...] et Herlant s’en alla et gouverna ponthus et lui aprint de tous deduis de choses, d’oiseaux et de toutes manieres de gieux de tables, d’eschés et d’autres esbas.⁶³

Então, perante nova ameaça saracena, Ponthus pede ao rei que o arme cavaleiro, o que este faz, dando-lhe também armas e cavalo.⁶⁴

Não são isentas de aventuras e perigos, nem de ameaças e de maravilhosas ajudas, a meninice e a mocidade dos cavaleiros acima nomeados.⁶⁵ Além do nome, dos objetos e das marcas físicas que alguns apresentam, logo à nascença, também estas provas servem para os tornar singulares e para os assinalar como heróis. Estas vicissitudes são outros tantos “ritos de passagem”,⁶⁶ degraus na fama e no valor cavaleiresco. As adversidades enunciadas constituem outras tantas provas de maturação, de aprendizagem e de preparação para a prova maior que é a entrada na vida adulta, através do acesso à Ordem de Cavalaria, materializada pelo acto de ser armado cavaleiro. A criação, ou educação, destes príncipes é feita, quase sempre, em situação de afastamento dos progenitores que, desaparecidos ou temporariamente substituídos, tornam os pais

substitutos em símbolos de um patamar humano e/ou social que deverá ser ultrapassado, ou que encarregam terceiros da tarefa. A substituição gera, em muitos casos, a necessidade de um reconhecimento posterior. Reconhecimento este que é, simultaneamente, para a personagem em apreço, um reencontro com as suas origens e a recuperação de uma identidade perdida.

4. CONCLUSÕES

Do conjunto de casos referidos sobressai o facto de o cavaleiro se apresentar como uma personagem isomérica. Mesmo afastado do seu espaço natural, as características próprias da sua origem real irrompem face ao contexto em que se encontra (veja-se Palmeirim de Oliva ou os gémeos de Francisco de Moraes, por exemplo). Além dos objetos identificadores ou de marcas físicas que alguns apresentam, o nome é, no caso destas personagens, uma propriedade vital do seu estatuto: o nome de um cavaleiro tem sempre uma explicação ou justificação linhagística⁶⁷ (Palmeirim [de Inglaterra], Primaleão, Florendos, por exemplo) ou uma justificação circunstancial (Palmeirim [de Oliva], Clarimundo, Tristão). No primeiro caso, pode acrescentar-se que o carácter linhagístico do nome inscreve o cavaleiro numa predestinação para a função régia, continuadora de um território não apenas familiar: Palmeirim de Inglaterra e Amadis de Gaula encerram, a um tempo, a sua origem e a coroa que lhes está destinada por nascimento. Já Palmeirim de Oliva e Tristão de Leonís apenas contêm a primeira daquelas duas propriedades do nome.

A idade não adulta destes cavaleiros é marcada pela separação. E esta separação implica, desde logo, a construção de uma identidade

própria, para a qual o nome concorre sobremaneira. No entanto, por ser fruto de amores extra-matrimoniais, e por isso de abandono⁶⁸ (Palmeirim de Oliva, Amadis de Gaula, por exemplo), ou por ser alvo de ameaças em contexto familiar (veja-se o caso paradigmático de Tristão), o cavaleiro realiza a primeira parte da sua existência fora do seu ambiente familiar.⁶⁹ É no processo, e no percurso, de retorno que vai construir a sua fama, o seu valor e, conseqüentemente, a sua identidade. Neste processo precisa de *outrar-se*,⁷⁰ o que corresponde, na narrativa, a responder por um seu outro nome (Belifonte ou Donzel do Mar, por exemplo), ou vários outros nomes seus (Floriano do Deserto, Cavaleiro do Salvaje, Cavaleiro das Donzelas ou ainda Cavaleiro da Dona, por exemplo). Funcionando aparentemente como duplos, estas realizações de si mesmo vão concorrer para que a sua identidade surja completa, isto é, poliédrica. A sua função necessita responder a vários planos (pessoal, familiar, régio), de onde decorre a necessidade desta identidade poliédrica.

De modo similar, o nascimento assinalado é também uma característica do cavaleiro herói. Que este seja afastado do(s) progenitor(es) por abandono, ameaça ou desconhecimento (vejam-se casos de paternidade obtida através de engano perpetrado pela dama: Polendos, Pompides e Daliarte, por exemplo), a ascendência acaba sempre por ser reconhecida, e, no caso do engano, integrada pelos restantes membros da família que, dados os atributos entretanto revelados pela personagem, aceitam a explicação para o facto.

A criação do cavaleiro encerra a sua educação e instrução. Nesta fase da sua vida, sobressaem, dos exemplos elencados, os conteúdos relativos às armas. Há registo, no entanto, de formações mais completas, como é o caso de Clarimundo, Palmeirim de Oliva, Tristão (na versão da *Saga*) e Ponthus.⁷¹ Alguns não recebem qualquer

narração particular (como Primaleão), facto também significativo do olhar da época sobre o momento da vida, a meninice e a mocidade, ou sobre um crescimento realizado em ambiente familiar. A narrativa⁷² é outra propriedade vital destas personagens. As sucessivas aventuras dos cavaleiros alongam o texto, mas precisam ser narradas, pois “só existe aquilo que é dito”.⁷³ As provas que precisam apresentar, as passagens rituais que precisam realizar e os valores que precisam revelar apenas são transmissíveis pelo discurso. Pelo discurso para os contemporâneos e para memória futura, como hoje é comum dizer-se. A extensão de algumas destas narrativas não estará isenta no comprovado sucesso que obtiveram no momento da sua produção, nem no facto de terem sobrevivido ao tempo e às batalhas que, também elas, sofreram: desde o pretensamente terminal livro de cavalarias *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* até aos críticos que as consideraram, durante algum tempo, como “medíocre criação novelística propriamente dita”⁷⁴ ou que consideraram a sua leitura “demasiadamente monótona para um leitor de hoje”.⁷⁵ Contrariando estas tendências de dados momentos, salientar as narrativas da criação do cavaleiro é apon-tar mais um aspeto descuidado, até há pouco, no estudo dos livros de cavalarias. O assunto também é recente noutros domínios do conhecimento, nomeadamente a História, como se pode ver pela bibliografia crítica existente. Por isto também, parece pertinente registar este tópico.

Notas:

1 Aproveita-se esta primeira nota para mencionar algumas abreviaturas que aqui se usam: Cap. = Capítulo; f. = fólio; r = rosto; v = verso; p. = página; vol. = volume; s. l. = sem lugar.

2 Os historiadores mencionam a infância numa “família de acolhimento” e “uma realidade separada para a adolescência”, nomeadamente depois dos “doze e catorze anos”: SÁ, Isabel dos Guimarães. “As crianças e as idades da vida”. In MATTOSO, José (dir.). *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Moderna*. s. l. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2011, p. 73, e a “casa dos vinte para adquirirem estatuto de adultos”, SÁ, Isabel dos Guimarães. “As crianças e as idades da vida”, ed. cit., p. 75; ou, na Idade Média, os “(treize à seize ans) avant l’âge adulte” para falar de adolescência: LETT, Didier. *L’enfant des miracles. Enfance et société au Moyen Age (XIIe-XIIIe siècle)*. Paris: Aubier, 1997, p. 115. Relativamente à literatura cavaleiresca, na sua relação com as lendas heróicas, Paloma Gracia também baliza este momento da vida do cavaleiro: “la investidura cierra el capítulo de la infancia; por eso, por ser precisamente el final de la infancia, da sentido a la serie de elementos característicos de esta”. Veja-se GRACIA, Paloma. *Las señales del destino heroico*. Barcelona: Montesinos, 1991, p. 187. Agradecemos a José Manuel Pedrosa esta e outras informações bibliográficas consultadas.

3 Estas obras apresentam, tal como acontecia na Antiguidade, as três idades do homem. Este tópico, relativamente ao cavaleiro, foi estudado por mim em “Gnose e Livros de Cavalarias: o Palmeirim de Inglaterra de Moraes”, 2007 (inérito).

4 Veja-se, no conjunto das canções de gesta, o caso de, por exemplo, *Mocedades de Rodrigo* (ed. de Leonardo Funes e Felipe Tenebaum). Woodbridge: Tamesis, 2004; *Les Enfances Vivien* (ed. de Magali Rouquier). Genève: Droz, 1997; *Enfances Garin de Monglane: An Annotated Edition* (ed. de John Leroy Williams). Tese de Doutoramento, Universidade de Arizona, 1973, 478 p.; a menos recente, *Les Enfances Guillaume* (ed. de P. Henry). Paris: Société des anciens textes français, 1935 ou, noutro contexto genológico, o *Livre de l’Enfance du Sauveur* (ed. de Catherine Dimier-Paupert e de Hélène Cillières). Paris: Cerf, 2006.

5 GRIMAL, Pierre, “Héracles”. In *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 5.ª ed. Lisboa: Difel, 2009, pp. 205-221.

6 “envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura”, Lucas, 1, 31-35 e 2, 6-18. Todas as citações bíblicas são feitas pela *Bíblia de Jerusalém* (nova edição, revista e actualizada). São Paulo: Paulus, 2003.

7 BARROS, João de. *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem*. Lisboa: Germão Galharde, 1522, Cap. II, f. 3v.

8 BARROS, João de, *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo...*, ed. cit., Cap. II, f. 4v.

9 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. In ALPALHÃO, M. S. *O Amor nos Livros de Cavalarias: O Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes: edição e estudo*. Dissertação de Doutoramento em Línguas e Literaturas Românicas, Universidade Nova de Lisboa, 2009, pp. 141-142.

- 10 O estudo comparativo do nascimento deste herói com o esquema do herói tradicional, no âmbito do folclore universal, foi realizado por AVALLE-ARCE, Juan Bautista. “El Nacimiento de Amadís”. In TATE, Robert B. (ed.). *Essays on Narrative Fiction in the Iberian Peninsula. In honour of Frank Pierce*. Oxford: The Dolphin Book, 1982, pp. 15-25. Veja-se, ainda, a afirmação de CACHO BLECUA na “Introducción” à sua edição de Amadís de Gaula: “Los héroes muestran su excepcionalidad por las circunstancias de su nacimiento o su infancia. Son personas predestinadas para cumplir las empresas que les están asignadas, para lo que solo les queda lanzarse al mundo en busca de sus aventuras, pero antes deberán someterse a una prueba que los convierta en caballeros”. In RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II* (edição de Juan Manuel Cacho Blecua). Madrid: Ediciones Cátedra, 1987-1988, 2 vols., Col. Letras Hispánicas, Vol. I, p. 140.
- 11 RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II*. ed. cit., Vol. I, pp. 245-247.
- 12 *Palmerín de Olivia* (edição de Giuseppe di Stefano, com introdução de Maria Carmen Marín Pina). Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2004, pp. 25-26.
- 13 *Don Florando. Comiença la coronica del valiente y esforçado príncipe dō Florãdo d’Inglaterra hijo d’l noble y esforçado príncipe Paladiano en q̄ se cuentã las grãdes y marauillosas auēturas a q̄ dio fin por amores d’la hermosa princesa Roselinda hija del empador de Roma*. Lisboa: German Gallarde, 1545, f. 1r.
- 14 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., pp. 194-195.
- 15 *Don Florando. Comiença la coronica* ed. cit., f. 51v.
- 16 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 187.
- 17 *Primaleón* (edição de M. C. Marín Pina). Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 1998, p. 379.
- 18 *Tristán de Leonís* (edição de M. L. Cuesta Torre). Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1999, p. 9.
- 19 *Tristán de Leonís*. ed. cit., p. 10.
- 20 “La Saga de Tristan et Yseut”. In LACROIX, Daniel e WALTER, Philippe (ed. e trad.). *Tristan et Iseut. Les poèmes français. La saga norroise*. Paris: Le Livre de Poche, col. Lettres Gothiques, p. 508.
- 21 LACROIX, Daniel, “La saga scandinave”. In LACROIX, Daniel e WALTER, Philippe (ed. e trad.). *Tristan et Iseut*. ed. cit., p. 485.
- 22 Sobre este assunto, no que ao sinal peludo diz respeito, designadamente o de D. Quichote, veja-se DELPECH, François. “Du Héros Marqué au Signe du prophète: esquisse pour l’archéologie d’un motif chevaleresque”, *Bulletin Hispanique*, T 92, n.º 1, 1990, pp. 237-257. Sobre outros sinais na pele, designadamente de Esplandián, veja-se GRACIA, Paloma. *Las señales del destino heroico*. ed. cit., pp. 137-143.
- 23 BARROS, João de. Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo... ed. cit., Cap. III, f. 4v.

- 24 BARROS, João de. *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo...* ed. cit., Cap. VII, f. 9r.
- 25 BARROS, João de. *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo...* ed. cit., Cap. VIII, f. 10r.
- 26 BARROS, João de. *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo...* ed. cit., Cap. X, f. 11r.
- 27 BARROS, João de. *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo...* ed. cit., Cap. XI, f. 13v.
- 28 BARROS, João de. *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo...* ed. cit., Cap. XX, f. 13v. Este capítulo surge no original numerado XXI, erradamente. As edições antigas mantêm-no, mas edições mais recentes da obra corrigem a numeração (1791; 1843; 1953).
- 29 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 142.
- 30 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 146.
- 31 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 155.
- 32 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 157.
- 33 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 158.
- 34 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 160.
- 35 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., pp. 175-176. A expressão, Páscoa de Flores, prontamente substituída por Páscoa da Ressurreição nas duas edições portuguesas quinhentistas posteriores da obra (1567 e 1592), era conhecida em 1521, quando Gil Vicente a usa no auto *Ciganas* (cf. CAMÕES, José (ed.). *As obras de Gil Vicente*. Lisboa: INCM/CET, 2002, vol. 2, p. 320). Tal data corresponde a Domingo de Ramos, segundo uns (QUINSON, Marie-Thérèse et al. *Dicionário cultural do cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 237. Veja-se ainda SILVA, Elsa Branco da (ed.). *Castelo Perigoso*. Lisboa: Colibri, 2001, p. 21), ou Pentecostes, a “Páscoa do Espírito Santo”, segundo outros (MORAIS DA SILVA, António. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10.^a ed. corrigida e muito aumentada. Lisboa: Ed. Confluência, 1954, vol. VII, p. 862 e MACHADO, José Pedro (coord.). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro Editores, 1981, vol. VIII, p. 448).
- 36 Onde a pronta intervenção de Flérida, a mãe, lhes permite interromper a luta, e continuarem a viver, sem chegar ao momento trágico que, como o texto afirma, se avizinhava: MORAES, Francisco de, *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., pp. 279-282.
- 37 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., pp. 335-337.
- 38 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 175.
- 39 MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. ed. cit., p. 303.
- 40 RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II*. ed. cit., vol. I, pp. 247-248.
- 41 RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II*. ed. cit., vol. I, p. 253.

- 42 RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II*. ed. cit., vol. I, p. 258.
- 43 RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II*. ed. cit., vol. I, p. 262.
- 44 RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II*. ed. cit., vol. I, pp. 269-271.
- 45 RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II*. ed. cit., vol. I, p. 277.
- 46 RODRÍGUEZ DE MONTALVO, Garcí. *Amadís de Gaula I-II*. ed. cit., vol. I, pp. 324-328.
- 47 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., p. 27.
- 48 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., p. 30.
- 49 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., p. 31.
- 50 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., pp. 32-33.
- 51 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., p. 34.
- 52 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., pp. 37-40.
- 53 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., p. 227.
- 54 *Palmerín de Olivia*. ed. cit., p. 363.
- 55 *Primaleón*. ed. cit., p. 132.
- 56 *Primaleón*. ed. cit., p. 122.
- 57 *Primaleón*. ed. cit., p. 102.
- 58 *Tristán de Leonís*. ed. cit., pp. 12-13.
- 59 GRIMAL, Pierre. “Teseu”. In *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. ed. cit., p. 440.
- 60 *Tristán de Leonís*. ed. cit., p. 12.
- 61 “La Saga de Tristan et Yseut”. ed. cit., pp. 508-509.
- 62 *Le Roman de Ponthus et Sidoine* (edição de M.-C. de Crécy). Genève: Droz, 1997, p. 14.
- 63 *Le Roman de Ponthus et Sidoine*. ed. cit., p. 14.
- 64 *Le Roman de Ponthus et Sidoine*. ed. cit., p. 25.
- 65 A “exposição heróica”, como a denomina Paloma Gracia, é feita “en el agua, o por la exposición en la montaña y a una bestia salvaje”. Veja-se GRACIA, Paloma. *Las señales del destino heróico*. ed. cit., p. 161.
- 66 VAN GENNEP, Arnold. *Les rites de passage. Étude systématique des rites*. Paris: Picard, 1981.
- 67 E muitas das obras aqui analisadas aparecem no momento em que a árvore genealógica começa a ganhar a configuração e a expressão que hoje lhe conhecemos, isto é,

“entre le XVe et le XVIe siècle”: KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *L’Ombre des Ancêtres. Essai sur l’Imaginaire Médiéval de la Parenté*. s. l. [Paris]: Fayard, 2000, p. 14.

68 SERRES, Michel. *A Grande Narrativa do Humanismo. A História da Humanidade: um conto iniciático*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008, p. 20: “O abandono, sempre ele, faz-nos arrumar ou classificar.”

69 O tópico revela mais um empréstimo entre História e Literatura: vejam-se as obras de Isabel Sá e Didier Lett mencionadas na nota 2.

70 Não no sentido pessoal da heteronímia, nem no sentido psiquiátrico da perturbação narcísica da personalidade, mas no sentido antropológico da aculturação, e até no sentido filosófico do termo.

71 Sobre uma das aprendizagens de alguns dos heróis dos livros de cavalaria, dos três tipos que refere – “cinético, auditivo y visual” -, veja-se GARCÍA ROJAS, Axayácatl C. “El niño robado y su aprendizaje visual en los libros de caballerías hispánicas: pinturas y estatuas ejemplares”. *Memorabilia*. 12, 2009-2010, pp. 249-267.

72 No sentido de “texto narrativo ficcional” apontado por VIEIRA, Cristina. *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*. Lisboa: Colibri, 2008, p. 230.

73 SERRES, Michel. *A Grande Narrativa do Humanismo*. ed. cit., p. 24.

74 SIMÕES, João Gaspar. *Perspectiva Histórica da Ficção Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1987, p. 57. O autor refere-se concretamente à *Cronica do emperador Clarimundo* de João de BARROS.

75 LOPES, Óscar e SARAIVA, António José. *História da Literatura Portuguesa*. 11.ª ed. corrigida e actualizada. Porto: Porto Editora, 1979, p. 408.

